

A COMPETITIVIDADE E A ÉTICA

José Antonio Ghilardi

Mestre em Engenharia de Processos Químicos e Bioquímicos

Engenheiro Mecânico e de Segurança do Trabalho

Professor de Ética e Legislação

Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia

Um dos aspectos mais marcantes do atual contexto social é a intensa competição impregnada nas relações humanas. Embora essa tenha sido uma característica e uma preocupação também de outros tempos, podemos notar que hoje a sua presença é tão forte em nossas vidas, como nos parece ser a intenção de desenvolvê-la na consciência das pessoas.

Muitas são as manifestações da idéia de competição nas sociedades humanas. Ela está presente desde a “preparação” das crianças, pelos pais, para “vencer na vida”, nas brincadeiras e jogos, em festivais, gincanas, concursos, programas de televisão e em todas as atividades que pressupõem a seleção de alguns para a necessária exclusão de outros, até chegar, finalmente, ao mundo competitivo do trabalho, no qual o que importa é ser um “vencedor” para demonstrar competência e afirmação diante dos outros.

Esse jogo sem fim deixa-nos claro que, ao exacerbar na valorização da competição, ao levantá-la como bandeira, o homem vê o outro como seu inimigo e, quando há um ganhador, o mais forte, surgem irremediavelmente a opressão e a angústia para uma grande maioria dos considerados “perdedores”.

Provavelmente, o homem esteja mais e mais longe do seu equilíbrio ao supervalorizar a competitividade e se distanciar da ética e de toda a coleção de virtudes que a compõem. Em alguns momentos, chega-se a acreditar na impossibilidade da coexistência da competitividade e da ética.

A competitividade é um dos princípios da economia liberal em que muitas vezes, procurando um ganho individual maior, a pessoa trabalha, coincidentemente, para elevar ao máximo possível a produtividade das organizações e, consequentemente, a renda anual de uma pequena parte da sociedade. Por uma espécie de mão invisível, a pessoa é misteriosamente levada a alcançar objetivos que jamais fizeram parte de suas intenções, mas mesmo assim se engaja em certas missões em que as metas são intangíveis e as pressões incontroláveis, sob uma bandeira virtual e ufanista, que estampa crenças e valores que na prática se revelam irreais.

Em primeira ordem, temos de nos convencer, antes de tudo, de que as virtudes do homem e a integridade do seu caráter é que o tornam essencialmente competitivo, e que as organizações são formadas por pessoas; numa extensão desse raciocínio, podemos afirmar que indivíduos éticos formam empresas não só éticas, mas também competitivas e vencedoras em seus objetivos, quando os têm claros em benefício amplo da sociedade.

Na atualidade, a competitividade sem dúvida é essencial à sobrevivência e à continuidade das empresas, mas de nada valem esses esforços se deixarmos a ética ao largo, pois, segundo a filosofia do utilitarismo, a ética, quando bem aplicada, reverte no maior benefício a um maior número de pessoas.

Paremos por um instante para uma pequena reflexão.

Se administrarmos corretamente o tempo no desempenho de nossas atividades e também exercitarmos, com convicção, a ética, consubstanciada tão-somente em dez das virtudes humanas desejáveis, quais sejam: a justiça, a honestidade, a liberdade, a responsabilidade, o respeito, a veracidade, a confiança, a disciplina, a solidariedade e a espiritualidade, com certeza exerçeremos de forma plena a competitividade, e conseguiremos mudar o conceito selvagem de competição sempre emoldurado por termos rebuscados, contundentes e estereotipados, para uma nova equação simples, que com certeza possibilitará a existência de empresas mais prósperas e sociedades mais justas e felizes:

Competitividade = Administração do Tempo + Ética

Ainda nesse contexto, é de extrema validade que as indústrias fabricantes e as usuárias de embalagem façam uma introspecção sobre a seguinte frase deixada à literatura brasileira pelo escritor gaúcho Mário Quintana: “*Deficiente é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência que é dono do seu destino.*”